



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA

CAMPUS MINISTRO REIS VELOSO

CURSO DE PEDAGOGIA

LUIS EDUARDO DE CARVALHO BRANDÃO

**CONTRACONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: ENSAIOS SOBRE CONSCIÊNCIA,
IDENTIDADE E EMANCIPAÇÃO**

**Parnaíba - PI
2022**

LUIS EDUARDO DE CARVALHO BRANDÃO

**CONTRACONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: ENSAIOS SOBRE CONSCIÊNCIA,
IDENTIDADE E EMANCIPAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do
Delta do Parnaíba, como Trabalho de
Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr. Élideo Santiago da Silva

Parnaíba-PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Central Prof. Cândido Athayde

B817c Brandão, Luis Eduardo de Carvalho
Contraconsciência e educação: ensaios sobre consciência, identidade e emancipação [recurso eletrônico] / Luis Eduardo de Carvalho Brandão – 2022

1 Arquivo em PDF.

TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Élide Santiago da Silva.

1. Contraconsciência. 2. Educação e Política. 3. Educação para Emancipação. I. Título.

CDD: 370.11

LUIS EDUARDO DE CARVALHO BRANDÃO

CONTRACONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: Ensaio
sobre consciência, identidade e emancipação.

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof.
Dr. Élido Santiago da Silva, apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do Delta do
Parnaíba, como requisito para obtenção do grau de
licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM: 21/ 10/ 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Élido Santiago da Silva
Orientador/ Presidente da Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Lucélia Araujo Costa
Professora Examinadora

Prof.º Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior
Professor Examinador

“A educação não pode funcionar suspensa no ar”

István Mészáros

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer ao que me trouxe até aqui, não sei exatamente qual ou o que mas quero que esta força esteja sempre do meu lado, vindo igualmente de todas as direções.

Agradeço aos meus familiares, irmã, pais e namorado, por me darem apoio, o mínimo que seja, mesmo não sabendo exatamente o que eu estava fazendo, porém sabiam que eu estava feliz seguindo esse caminho. Eu devo minha conquista a vocês.

Agradeço ainda aos meus amigos, todos eles, os que ainda estão comigo e os que já se foram, vocês não tinham obrigação alguma em me dar carinho, suporte e afeto, mas mesmo assim me deram. Eu devo minha conquista também a vocês.

Agradeço ainda aos meus professores que me acompanham desde a mais tenra idade até os dias de hoje, como também, em especial, ao meu orientador, que me ajudou a iniciar e concluir este trabalho. Eu devo minha conquista a vocês.

Por fim, e me rendendo um pouco ao clichê, eu agradeço a mim, eu não estaria mentindo se dissesse que eu não teria conquistado nada se não tivesse a mim mesmo. Obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
JUSTIFICATIVA.....	9
MÉTODO.....	10
CONSCIÊNCIA E IDENTIDADE.....	13
O QUE É CONTRACONSCIÊNCIA?.....	18
CONTRAONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO.....	31
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	42

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão acerca do termo contraconsciência e suas implicações dentro da área educacional com base na proposta de Constantino em seu livro *Neocolonial identity and counter-consciousness: Essays on cultural decolonization* (1978). Nesta pesquisa, o ensaio-teórico embasado por uma pesquisa bibliográfica foi o método utilizado, tendo como objetivo geral a delimitação da relação entre a contraconsciência e a prática educativa, destacando seus aspectos educacionais, e trazendo como objetivos específicos explicar o que é a contraconsciência, relacionar a contraconsciência com a prática educacional e definir a contraconsciência interage com a prática educacional. Partindo disso, foi pretendido propor uma contribuição quanto a visão de como se vê a educação como meio que traz a emancipação e a melhoria social, trazendo a contraconsciência como um elemento de transição desse processo como também um produto do mesmo. Esse processo se centra na reflexão partindo do meio social para assim propor a mudança, contudo essa reflexão deve ser realizada dentro de um processo coletivo e de caráter popular. A discussão conclui, por fim, que a contraconsciência se nutre da busca constante por novos caminhos que levem à transformação daquela realidade, priorizando sempre a melhoria de vida e a emancipação.

Palavras-chave: Contraconsciência. Educação e política. Educação para emancipação.

INTRODUÇÃO

A Contraconsciência, proposta por Constantino em seu livro *Neocolonial identity and counter-consciousness: Essays on cultural decolonization* (1978), é um elemento revolucionário que consiste em uma “reação contra a consciência prevalente, tornando a consciência prevalente se ela triunfar”. Ele propõe esse elemento para definir uma série de movimentações sociais que aconteceram no seu país, as Filipinas, durante dois períodos de colonização seguidos no qual a população se revoltou contra o país dominador e tentou expulsá-lo. Esse é um dos processos bases para a contraconsciência, segundo Constantino, sendo que o expurgo vem da aversão às ideias, costumes, modos de agir e pensar que levavam a repressão econômica encontrada dentro da sociedade em questão.

O presente trabalho surgiu da curiosidade acerca do termo contraconsciência e como esse termo abrangia a prática educativa e a educação em si. Partindo disso, foi pretendido propor uma contribuição quanto a visão de como se vê a educação como meio que traz a emancipação e a melhoria social, trazendo a contraconsciência como um elemento de transição desse processo como também um produto do mesmo.

O método utilizado neste trabalho foi o de ensaio-teórico devido ao termo "contraconsciência" ainda não ter um espaço de pesquisa consolidado, ainda fluindo em sua essência, permitindo analisar os seus elementos e assim propor como ele se define e apresenta. Também foi fundamentado através de reflexões e idéias embasadas por uma pesquisa bibliográfica, que buscou trazer novos termos como também novos conceitos e significados para os mesmos, aderindo os mesmos aos termos objetivos através do ensaio-teórico.

O objetivo geral deste trabalho é delimitar a relação entre a contraconsciência proposta por Constantino e a prática educativa, se questionando se essa relação pode ser considerada educacional como também desvendado o motivo por trás da mesma. Como objetivos específicos buscou-se definir: Discutir de onde a contraconsciência surge utilizando elementos que estão intrínsecos a ela, como, por exemplo, a consciência, a identidade, os meios de trabalho e a melhoria social; Definir o que é a contraconsciência e como ela abrange a prática educativa, destacando seus objetivos dentro e fora da escola; E relacionar a contraconsciência com a prática educacional, localizando uma dentro da outra corroborando ao seu aspecto político, histórico e estético.

No primeiro capítulo a discussão se propõe a discutir de onde a contraconsciência surge e a partir de que elementos estão intrínsecos a ela. São utilizados aqui a consciência, a

identidade, os meios de trabalho e a melhoria social como os principais aspectos que interagem com a contraconsciência e que fazem parte de sua relação com a prática educacional.

Já no segundo capítulo, a discussão atenta-se sobre o que é a contraconsciência e como ela abrange a prática educativa, destacando seus objetivos dentro e fora da escola. Relaciona-se, ainda, a contraconsciência com a prática educacional, explicando como uma se localiza dentro da outra e a definindo através dos aspectos que ela se apresenta: a contraconsciência política, histórica e estética. Sendo que a contraconsciência política se baseia em ações populares em defesa do coletivo e agindo dentro dos meios de produção movimentados pela consciência da classe, que o desenvolvem, e tendo os mesmos como a chave para a movimentação dessa sociedade. A contraconsciência histórica busca o resgate histórico como base para a melhoria social e na reconstrução da história pelo lado do colonizado, sendo que a mesma busca para além da superação do meio opressor. Por fim, a contraconsciência estética reflete seu meio e o expressa através de formas artísticas que buscam a interação visando à reflexão dentro do campo da arte, ela busca dar voz a cidadãos da comunidade que se expressam através de suas imagens e mensagens que não possuem um apelo tido como "estético", porém interativo.

Por fim, o terceiro capítulo busca delimitar quais elementos da contraconsciência se apresentam na educação e como eles agem a partir dos aspectos da contraconsciência tratados no capítulo passado. A contraconsciência se desenvolve, principalmente, na educação informal e na auto-educação, priorizando espaços sociais voltados não diretamente para a educação curricular que buscam a interação do indivíduo com o meio. O enfrentamento da realidade e a sua conseqüente reflexão são características desse processo dialético.

Concluimos então que a contraconsciência se nutre da busca constante por novos caminhos que levem à transformação daquela realidade, priorizando sempre a melhoria de vida e a emancipação do meio opressor. Esse processo é moldado acerca de suas experiências individuais e coletivas tendo em vista que elas também mudam o indivíduo, levando-o a ter domínio acerca de sua história e de seu meio, e caso não tenha, ela também provoca a luta por essa mudança.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho surgiu da curiosidade acerca do termo *contraconsciência*, apresentado através de um texto de Mészáros trabalhado dentro da disciplina de Fundamentos de Administração da Educação pertencente ao curso de pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), e de como esse termo abrangia a prática educativa e a educação em si.

Partindo disso, foi proposto uma contribuição quanto a visão da educação como meio que traz a emancipação e a melhoria social, trazendo a *contraconsciência* como um elemento de transição desse processo como também um produto do mesmo. Esse processo se centra na reflexão partindo do meio social para assim propor a mudança, contudo essa reflexão deve ser realizada dentro de um processo coletivo e de caráter popular.

Destaca-se ainda que a relação com o meio como ponto de partida para a criação da consciência e, por consequência, da identidade que irá produzir a *contraconsciência* se utilizará de seus aspectos, aliados à sua prática educacional, para alcançar seu objetivo central: a emancipação e a melhoria social.

Supõe-se então que a prática educacional está aliada com a *contraconsciência* é a que está alinhada a educação informal vinda através de processos de auto educação a partir do meio no qual os indivíduos estão inseridos conseguindo assim alcançar, através de ações sociais, o objetivo central do processo de *contraconsciência*.

Por fim, este trabalho busca contribuir para a área de educação e política, trazendo uma reflexão acerca do papel do educador e da educação, identificando quais tipos de educadores e qual tipo de educação participam desse processo dando destaque ao local da interação do indivíduo com o meio de trabalho e social que ele está inserido, contribuindo assim com a localização do mesmo dentro deste mesmo meio. Ainda assim, propomos discussões acerca do papel da consciência, da identidade e do meio de trabalho e como eles se relacionam com a melhoria social e a emancipação.

MÉTODO

O método utilizado neste trabalho foi o de ensaio-teórico, no qual foi fundamentado através de reflexões e idéias embasadas por uma pesquisa bibliográfica que buscou trazer novos termos como também novos conceitos e significados para os mesmos.

O método de reflexão ensaio-teórico se apresentou na construção da descrição da relação da contraconsciência com a educação, ainda sendo usada para propor o papel dos aspectos pertencentes à contraconsciência que se identificam como político, histórico e estético. Sobre a utilização do ensaio-teórico como forma de reflexão e apuração de ideias Larrosa (2003 p. 106-107) destaca que:

Além de confundir as diferenças entre ciência, arte e filosofia, o ensaio se dá uma liberdade temática e formal que só pode incomodar num campo tão reprimido e tão regulado como o do saber organizado. A esse respeito, Adorno assinala que o ensaio se vê esmagado por uma ciência em que todos defendem o direito de controlar a todos.

O ensaio tem o poder de, a partir de uma base epistemológica, se propor novos caminhos teóricos para a visão do que está sendo estudado, interagindo diretamente com a interpretação do pesquisador.

Assim, o ensaio caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência. No centro do ensaio está a relação quantitativa versus qualitativa. Enquanto a ciência adquire maior autonomia, valorizando aspectos quantitativos para promover generalizações que façam com que um número cada vez maior de pessoas passe a compreender o mundo a partir da instituição de uma racionalidade baseada na calculabilidade, o ensaio valoriza aspectos relacionados às mudanças qualitativas que ocorrem nos objetos ou fenômenos analisados pelos ensaístas.” (MENEGETTI, 2011, p. 322)

Devido ao termo "contraconsciência" ainda não ter um espaço de pesquisa consolidado, ainda fluindo em sua essência, o método de ensaio-teórico permitiu analisar os seus elementos que os circunscrevem e assim propor como eles se definem e se apresentam. Esta é uma característica do ensaio-teórico, o envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa lhe dando pressupostos para supor esse objeto através de análises e hipóteses, sendo ele utilizado como base para novos conhecimentos, o que corrobora com a ideia de Meneghetti quando ele destaca:

O ensaio é um meio de análise e elucubrações em relação ao objeto, independentemente de sua natureza ou característica. A forma ensaística é a forma como são incubados novos conhecimentos, até mesmo científicos ou pré-científicos. Não é instrumento da identidade entre sujeito e objeto, mas é meio para apreender a realidade, por renúncia ao princípio da identidade. Assim, surge como tentativa permanente de resolver a questão central da filosofia moderna: a separação e tensão permanente entre sujeito e objeto na compreensão da realidade (MENEGETTI, 2011, p. 323).

Sobre essa metodologia de pesquisa, Larrosa (2003), influenciado por Adorno, destaca a não objetivação de uma exata como resultados da mesma. O autor destaca que este estudo é um método que utiliza-se dos elementos temporais e espaciais deixando aberturas para novos tipos de interpretações e interações com o mesmo assunto, o que deixa a pesquisa de uma forma bem mais envolvente e interativa. O autor destaca:

Outra característica do ensaio, segundo Adorno, é que está ancorado no tempo, incrustado no tempo, e por isso aceita e assume seu caráter temporário e efêmero, sua própria finitude. O ensaísta não lê e escreve para a eternidade, de forma atemporal, como tampouco lê e escreve para todos e para ninguém, mas, sim, para um tempo e para um contexto cultural concreto e determinado. (LARROSA, 2003, p. 110-111)

Agora sobre a pesquisa bibliográfica utilizada para embasar os elementos sociais e termos trazidos no trabalho, foi adotado uma metodologia que intercalava as ideias trazidas através do ensaio-teórico enquanto cruzava-se os elementos devidamente embasados pela pesquisa bibliográfica na tentativa de expor seus significados. Logo após, foi feita uma localização dos termos dentro da ideia que estava sendo proposta. A pesquisa bibliográfica tem como característica a utilização dos conhecimentos e significados descobertos através dela para assim chegar a novas reflexões, investindo

Nesse esforço de descobrir o que já foi produzido cientificamente em uma determinada área do conhecimento, é que a pesquisa bibliográfica assume importância fundamental, impulsionando o aprendizado, o amadurecimento, os avanços e as novas descobertas nas diferentes áreas do conhecimento. (PIZZANI ET AL, 2012, p. 56)

Partindo dessa lógica já se tem uma ideia de que a pesquisa bibliográfica

É a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa e o respectivo fichamento das referências para que sejam futuramente utilizadas. (MACEDO, 1995, p. 13).

Se revestindo dessa visão científica para produzir novos fatores mesmo não visando uma criação exata do objeto estudado. Esse método valoriza o pensamento lógico a partir da interação com as informações colhidas, propondo reflexões acerca dos mesmos, como também sua reconstrução. Sobre isso:

Portanto, a 'revisão bibliográfica' ou 'revisão de literatura' consiste em uma espécie de 'varredura' do que existe sobre um assunto e o conhecimentos dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não reinvente a roda! (MACEDO, 1995, p. 13)

Utilizando desses métodos de pesquisa, objetivamos delimitar a relação entre a contraconsciência e a prática educativa, se questionando se essa relação pode ser considerada educacional como também desvendado o motivo por trás da mesma.

A partir disso, foram utilizados como base para o conceito de contraconsciência o livro de Renato Constantino, *Neocolonial identity and counter-consciousness: Essays on cultural decolonization* (1978), como também algumas obras de Mészáros (2008; 1984) e assim estabelecemos estudos baseados em sua literatura, no qual contribuíram, juntamente com Freire (2001), para a construção de noções acerca de consciência, identidade, política e educação para a emancipação.

Autores como Montañó e Duriguetto (2014), Macário (2021), Groppo & Silveira (2020), Souza (2020), Silva, Nomeriano e Guimarães (2015) e Nicodem (2014) foram utilizados para a contextualização do meio político que o indivíduo encontra dentro da sua realidade assim como, juntamente com Hall (2015), também contribuíram para a significação de alguns termos e conceitos que circundam esse meio.

Prado (2014), Schmidt (2009), Schmidt e Urban (2016), Marrera e Souza (2013) foram utilizados como aporte base para as ideias acerca da consciência histórica e política e suas relações com a identidade e prática educativa.

Por fim, Arroyo (2012), Gohn (2013), Tiburi (2011), Menezes e Gregori (2016) e Cava (2015) contribuíram para a reflexão acerca dos movimentos sociais que surgem através dessa interação com o meio, como também suas formas de expressão que buscam uma reflexão além da reivindicação da melhoria social e emancipação.

CONSCIÊNCIA E IDENTIDADE

Começaremos discutindo o conceito de identidade, seguindo a sua relação com o capital. Depois falaremos sobre a relação da identidade com a consciência levando a criação da contraconsciência e como esse processo busca trazer a conscientização como seu primeiro objetivo.

Como ponto de partida para esse ensaio, temos a *identidade individual* como elemento base para a criação da contraconsciência, que explicaremos melhor no próximo capítulo. Constantino (1978, p. 32) ressalta que ela se distingue da consciência em quesitos políticos, já que “qualquer aumento da consciência [em relação ao seu meio] implica em características políticas que podem ser permanentes ou temporárias”. Identidade e consciência estão unidas. Contudo, assim como a consciência, a identidade tem um ciclo repleto de construções e reconstruções: não há uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente.

Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas - ao menos temporariamente (HALL, 2015, p. 12).

Começando de forma crescente, a identidade é uma das bases da criação do processo de contraconsciência. Sendo ela uma construção individual e subjetiva, como cita Hall (2015), ele se baseia em posicionamentos políticos e ideológicos dialogando diretamente com o meio inserido, as bases ideológicas e a personalidade ligada à consciência no qual provoca o confronto entre indivíduo do meio com a cultura nacional. Ele diz:

Timothy Brennan nos faz lembrar que a palavra *nação* refere-se “tanto ao moderno Estado-nação quanto a algo mais antigo e nebuloso - a *natio* -, uma comunidade local um domicílio, uma condição de pertencimento” (1990, p. 45) As identidades nacionais representam precisamente o resultado da reunião dessas duas metades da equação nacional - oferecendo tanto a condição de membro do estado-nação político quanto uma identificação com a cultura nacional: “tornar a cultura e a esfera política congruentes” e fazer com que “culturas razoavelmente homogêneas tenham, cada uma, seu próprio teto político (GELLNER apud HALL, 2015, p. 34).

De fato, para se ter uma identidade é preciso primeiro passar por um processo de identificação, constantemente mudando o foco e procurando novas bases identitárias. Esse constante processo de mudanças de consciências é resgatado por Rösen (apud MARREIRA E SOUZA, 2013, p. 1075) quando fala de consciência histórica, como uma característica da consciência genética:

Eles compreendem sua identidade como “desenvolvimento” ou como “formação”, e ao mesmo tempo, com isso, aprendem a orientar temporalmente sua própria vida prática de tal forma que possam empregar produtivamente a assimetria característica entre experiência do passado e expectativa de futuro para o mundo moderno nas determinações direcionais da própria vida prática.

Vale destacar que aqui Rösen (apud MARREIRA E SOUZA, 2013) fala de uma compreensão sobre esse desenvolvimento da formação da consciência que leva a identidade, porém podemos identificar que para chegar a compreensão sobre a identidade, o caminho percorrido é o da consciência.

Constantino (1978, p. 31) sobre consciência diz que é “a maneira pela qual a sociedade no seu desenvolvimento explica o mundo e se vê.” Ele ainda completa que “mais que isso, é o reconhecimento da mudança natural das formas sociais, portanto é uma compreensão acerca da necessidade pela mudança revolucionária básica e progressiva.” Portanto segundo esse autor a consciência possui elementos sociais e políticos na sua construção, ela muda e muda a partir do seu meio, sempre buscando meios revolucionários reconhecendo a mudança das formas sociais.

O autor queria expor os limites estruturais provocados pelo capital quando propõe seus estudos sobre contraconsciência, utilizando sua lógica irreformável, incontrolável e incorrigível para evidenciar os limites e ilusões que envolvem a emancipação política e a necessidade de se lutar por sua superação (SOUZA, 2020).

Corroborando com o pensamento de Constantino (1978), Montaño e Duriguetto (2014, p. 101) destacam a consciência sendo produzida através da interação com os meios de produção retirando elementos reais do seu meio de interação provocando a alienação.

Desenvolve-se na vida cotidiana um nível de consciência individual e imediata, no qual seu entorno, seus interesses particulares e seus atos são vivenciados e interpretados. Aqui as pessoas desenvolvem representações do seu entorno imediato. Conforme Iasi, “Inicialmente, a consciência seria o processo de representação mental (subjativa) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção)” (2007,p. 14); assim, continua, “formada essa primeira manifestação da consciência, o indivíduo passa a compreender o mundo a partir de seu vínculo imediato e particularizado, generalizando-o. Tomando parte [sua vivência imediata] pelo todo, a consciência expressa-se como alienação” (idem,ibidem, p. 20), que confunde o dado imediato com a própria realidade (SANTOS apud MONTAÑO e DURIGUETTO, 2014, p. 101).

Impossível se falar da consciência sem falar dos elementos que a limitam, esses movimentos prezam por certos tipos de individualidades, de identidades, e acabam impondo seus ideais a outros para garantir a unificação e a dominância dessas identidades. A adesão da consciência a esses ideais se dá através da ideologia. Sobre isso Montaño e Duriguetto (2014, p. 105), citando Marx e Engels, corroboram com a ideia de que a consciência precisa da ideologia para se firmar:

[...] Não é a consciência que determina a vida mas a vida que determina a consciência. (Marx e Engels, 1993, p. 36-37). Os sujeitos que adotam uma ideologia terão *uma visão determinada de mundo*, da sua própria realidade e de si próprio, e uma maneira de se abrir perante os fatos imediatos.

A visão de mundo é o ponto chave nesse processo. Porém, de onde esse indivíduo vê o mundo? Quais elementos ele precisa para realizar essa ação de ver o mundo? E quais os meios? Se a consciência é o carro, a ideologia é o seu motorista. O fato dela interferir na visão de mundo é que agimos de acordo com o nosso meio, temos interação com ele ou com a falta dele, a partir daí utilizamos a ideologia como um guia para como iremos proceder, seja interagindo ou ignorando. A ideologia é um dos reagentes da contraconsciência, ou seja, é a partir da crise ideológica que a contraconsciência surge. Essa crise busca mudar essa ideologia propondo a ela reflexões sobre o meio e o que pode ser mudado. A partir da interação da ideologia, essas reflexões mostram que há uma mudança ideológica e com isso uma mudança de consciência. Esse é um processo da contraconsciência, sua ação dentro da consciência. É importante destacar que a ideologia vem a partir da visão de mundo e uma interage com a outra, mudando uma a outra. A ideologia muda a visão de mundo, e vice-versa, constituindo um processo de contraconsciência. Macário (2021, p. 45) explica melhor essa relação quando relata que:

As formas de contra-consciência ou as ideologias críticas só podem ter consequência se vinculadas e operadas por forças sociais reais, incrustadas na sociedade civil. [...] Essas mesmas ideologias têm de apontar o fim que contradita a realidade posta como alternativa abrangente [...] mas sempre ancorada em *agentes sociais reais* que se vinculam, por diversas mediações, às forças que disputam com o capital o controle do sociometabolismo.

A consciência precisa de elementos ideológicos para a produção da identidade e de acordo com a ruptura desses elementos a identidade irá responder de maneiras diferentes. Porém, acima de tudo, para se constituir identidade, ela explora a sua relação com o meio e com esses ditos agentes sociais reais, nos quais movimentam e mudam esse meio em uma interação efetiva e significativa. Aqui todos os envolvidos sofrem alguma mudança. Esse processo dá abertura para a criação da tão falada contraconsciência, já que a mesma consiste na reação contra a consciência prevalente, tornando a consciência prevalente se ela triunfar. (CONSTANTINO, 1978, p. 32)

Se pensarmos a contraconsciência como um processo e também um produto (o que será tratado durante os próximos capítulos), a consciência também pode ser considerada assim como também a identidade, no qual mantém uma relação direta. Isso também anula a questão de consciências mais excludentes e não emancipadoras ou humanizadas, Constantino (1978) define bem quando diz que ela busca a mudança revolucionária.

Explicando melhor a criação da contraconsciência através de diferentes elementos, pode-se destacar o movimento da identidade acerca de sua mudança, sendo esse um processo de contraconsciência.

Como observa a crítica cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2015, p. 10).

A incerteza da identidade surge através de inquietudes e repreensões da consciência acerca do seu meio inserido, “Repressão não pode gerar nada além de sua própria reação” (CONSTANTINO, 1978, p. 37), assim surgem formas de descontentamento acerca desse meio que gera incômodos chamados de ativismos sociais nos quais é uma das manifestações da contraconsciência: “O desenvolvimento da contraconsciência é um importante aspecto da tarefa do ativismo”(Idem, Ibidem, p. 286). A contraconsciência surge exatamente como se denomina: contra uma consciência, importada ou criada através ou não (mas na maioria das vezes, sim) de forças externas, através de forças opressoras e colonizadoras, sendo essa “a primeira dificuldade no qual esse processo tem de passar”, citando Macário (2021, p. 22):

A primeira dificuldade das ideologias críticas [contraconsciência] reside em confrontar a “praticabilidade” imposta pelos interesses dominantes e, por isso, tendendo a assumir uma postura de *negação absoluta do status quo* e da pauta estabelecida pelos dominadores. [...] A negação da institucionalidade como tal e, portanto, na rejeição de qualquer vínculo da crítica proferida com instituições específicas. [...] as “formas de contraconsciência” parecem esbarrar na impossibilidade de intervir [...] na realidade que pretende transformar.

Deve-se destacar que o processo de contraconsciência é ainda *um produto individual da negação do status quo*, contudo ele precisa da ação coletiva para se desenvolver e assim intervir. Esse é um processo que surge para a melhoria, para a emancipação e para a humanização. Ele busca melhorias e mudanças baseadas no coletivo, deixando ainda abertura para que depois de alcançadas possa ocorrer um novo processo que busque mais melhorias e mais mudanças para além das já conquistadas através da mesma luta provocada pelo processo de contraconsciência, também baseado no coletivo. Todo o processo é coletivo.

Há uma coincidência de características e processos que levam a certas mudanças dentro da sociedade a partir da contraconsciência. Até aqui vimos que ela está presente em todas essas movimentações. Como ela é tida como um processo, logo todos se utilizam dela para chegar até o objetivo, utilizando-se de diferentes meios. Aqui o que se diferencia é como se faz e como se deu, a finalidade sempre será voltada à emancipação e melhoria dos meios sociais. Montaño e Duriguetto (2014) destacam que no fundo dessas reivindicações sociais ou descontentamentos ideológicos há um núcleo de luta de classes contra o capitalismo imposto. Eles ressaltam que:

A luta anticapitalista não deve caminhar separada da luta contra o machismo e a desigualdade sexual, contra o racismo e a desigualdade racial e étnica, contra as diversas formas de segregação, desigualdade e preconceito. Ela deve reunir todos estes campos de batalha, orientados a curto prazo contra a forma específica de desigualdade (para a emancipação política específica), e no longo prazo contra a ordem burguesa, a sociedade de classes (para a emancipação humana) (MONTAÑO & DURIGUETTO 2014 , p. 132).

Abre-se aqui uma margem para explicar outro movimento causado pela contraconsciência. As lutas não são combatidas pois estão sobrepostas. Não se busca atingir mas complementar e visando sempre a melhoria e a emancipação.

De fato, então, mudança reflexiva aqui proposta como aspecto da consciência visa transformar e propor uma conscientização que busque a melhoria já que a consciência que busca a opressão é tida como retrocesso. No fim, todo o processo de contraconsciência se acumula no processo de conscientização, sendo que os dois se utilizam da tomada de consciência. Teria os dois o mesmo cerne? Freire (2001, p. 33) define conscientização como

Tomar posse da realidade, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade, a conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação.

A contraconsciência se fundamenta na dialógica dos fatos para assim agir na sensibilização e, futuramente, subjetivamente na re-conscientização. Os fatos são os próprios fundamentos da realidade que precisa ser mudada, lembrando assim do conceito de Constantino (1978) sobre contraconsciência evocado anteriormente cruzados a ideia de Souza (2020, p. 81) quando conclui que

a consciência para si ou revolucionária, como demonstra Iasi (2011a, p. 35 a 43) exige *um novo indivíduo capaz* de compreender sua temporalidade além dos limites de si próprio, compreendendo seu esforço como parte de um esforço coletivo, de uma totalidade maior, de sua classe e para além dela.

Pode-se arrematar então que a conscientização é um processo que antecede até mesmo a contraconsciência citada aqui como consciência para si ou revolucionária, e que, por sua vez, produz esse novo indivíduo capaz de se articular para atingir os seus objetivos no âmbito coletivo impactando no seu individual. Trazemos assim a conscientização como indispensável para a contraconsciência, como concorda Freire (2001, p. 30) quando diz que “a conscientização é um teste da realidade. Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual encontramos para analisá-lo”.

O QUE É CONTRACONSCIÊNCIA?

No capítulo passado foi trabalhado sobre o que era contraconsciência em relação ao contexto que ela será discutida neste trabalho. Aqui será discutida a definição de contraconsciência por Constantino (1978) e Mészáros (2008) explicando o prefixo -contra. Falaremos ainda de onde ela vem e no que ela age, sendo ela um processo cognoscitivo e progressivo, listando ainda suas três de suas formas de manifestação pertinentes à educação (histórica, política e estética).

Sendo ela uma “reação contra a consciência prevalente, e se tornando a consciência prevalente caso ela triunfe” como cita o próprio Constantino (1978, p. 32), a contraconsciência tem automaticamente esse aspecto revolucionário a partir da sua descrição. Mészáros (2008, p. 56), como amigo e editor de alguns livros de Constantino, ressalta:

Constantino tentou sempre ênfase à tarefa histórica de produzir um sistema de educação alternativo e duradouro, completamente à disposição do povo, muito além do âmbito educacional formal. A 'contraconsciência' adquiriu assim um significado positivo.

Ele propõe esses conceitos para definir uma série de movimentações sociais que aconteceram no seu país, Filipinas, durante dois períodos de colonização seguidos no qual a população se revoltou contra o país dominador e tentou expulsá-lo. Impossibilitados de formar uma cultura nacional baseada nos costumes nativos depois dessa série de colonização, a população seguia cada vez mais oprimida e alienada enquanto o país se via trabalhando para o enriquecimento de seus colonizadores. Esse é um dos processos bases para a contraconsciência, segundo Constantino, sendo que o expurgo vem da aversão às ideias, costumes, modos de agir e pensar que levavam a repressão econômica encontrada dentro da sociedade em questão. Explicando melhor esse tema, Nicodem destaca:

A superação do capital ‘não significa apenas a sua negação pura e simples e sim a construção de uma nova ordem capaz de sustentar a si própria, é por meio da educação que se pode produzir esta nova concepção, num processo de antecipação’. Este processo de antecipação deve criar, segundo o autor, uma espécie de ‘contra-internalização’ (ou contraconsciência) que abre o circuito de reprodução do capital, de forma duradoura e concreta. isso significa criar uma forma de consciência social que liberte dos limites restritos do controle do capital, a própria vida dos indivíduos (o seu modo de ser), de modo que sejam estes capazes de fazer do processo de aprendizagem ‘a sua própria vida’ (NICODEM apud MINTO, 2014, p. 83-84)

O processo de contraconsciência proposto por Constantino, inicialmente se baseia na descolonização, muitas vezes confundindo os dois processos. Ele utiliza a contraconsciência como uma arma social para o resgate da identidade nacional e como catalisador do processo de descolonização. A força popular no qual se manifesta através de crenças e costumes, é

utilizado como arma para promover uma espécie de ‘filtragem’. Os comportamentos coloniais são colocados como maus, como veremos posteriormente.

O prefixo “contra” dentro da palavra "Contraconsciência", pode ser um pouco controverso devido ao seu uso comum. Geralmente utilizado para indicar anulação (como é o caso de “contra-reforma”), contudo aqui ele possui o significado de mudança, não há uma dicotomia mas uma melhoria em busca da emancipação. Aqui no processo de contraconsciência, buscase uma superação, ou *reação* como destaca Constantino, da consciência vigente e todo a sua bagagem opressora, limitante, exclusiva e colonizadora que ela nos impõe, assim como ocorre em contra-linguagem e contra-internalização (como veremos mais à frente). Em suma, a contraconsciência é o processo de desconstrução e reconstrução da consciência para novas condições mais emancipadoras e inclusivas, mudando assim a identidade, a vida e a relação humana com os elementos do seu meio que no fim leva ao real objetivo da contraconsciência que é a mudança.

Dentro dessa ideia de consciência que sempre culmina em uma mudança, a noção de contraconsciência acaba sendo um ciclo rotineiro: recebendo o significado de um procedimento, uma atividade que leva a um resultado, um processo. Na vida cotidiana há um nível de consciência individual e imediata, no qual seu entorno, seus interesses particulares e seus atos são vivenciados e interpretados. As pessoas desenvolvem representações do seu entorno imediato. A consciência é produzida através da interação do indivíduo com o meio e cada um produz a sua de acordo com seu jeito de ver o mundo.

“Inicialmente, a consciência seria o processo de representação mental (subjéctiva) de uma realidade concreta e externa (objéctiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção)”(MONTAÑO & DURIGUETTO, 2014, p. 101).

Esse processo se direciona contra o processo de alienação (falado no capítulo passado) e o situa como uma consciência dormente ou corrompida, onde o indivíduo acredita que a sua realidade é a única realidade e não consegue perceber as outras realidades à sua volta. Estes conceitos são conceitos políticos e sociais que explicam alguns comportamentos humanos como a subordinação ao meio de trabalho e a condição social, como reafirma Iasi (apud MONTAÑO; DURIGUETTO, 2014, p. 101) “Tomando parte [sua vivência imediata] pelo todo, a consciência expressa-se como alienação”.

Mais uma vez, reafirmando o que foi dito anteriormente, é impossível situar o ponto de vista da contraconsciência, se não falar dos mecanismos que batem de frente com a mesma, corrompendo-a. Um deles é a alienação que surge naquela consciência que não exerce sua

característica de constante mudança, como falado por Constantino (1978) anteriormente. A contraconsciência surge, então, da percepção do real pelo indivíduo inserido neste meio onde, com a ajuda de reflexões sobre o social, esta concepção é mudada para assim mudar o real. Este conceito sócio-político será melhor explanado quando falarmos de contraconsciência política futuramente neste mesmo capítulo. No entanto, Constantino (1978) traz a consciência como aberta para a mudança sendo a mudança algo intrínseco a ela, com isso concluímos que a contraconsciência abre espaço para uma mudança com alvo em quesitos progressistas de valorização e bem estar da população que o está desenvolvendo, assim como afirma Souza (2020, p. 80):

Ela não é um movimento espontâneo, mas sim necessário porque é exigido pelas condições objetivas e contradições postas pelo processo revolucionário, potencializando a elevação da consciência dos indivíduos.

O movimento dessa consciência é a chave para a contraconsciência. Se olharmos nesse ponto de vista a contraconsciência não dá margem de erro para a alienação. Porém como afirma , esse movimento não vem do nada, ele se pauta de motivos sociais e se motiva através dos mesmos.

E esta articulação requer, ao mesmo tempo, não o mito da espontaneidade, mas sua própria constituição sob forma consciente e autoconsciente, requer uma consciência que gera a partir desta mesma possibilidade objetiva. (MÉSZÁROS, 1984, p. 158)

É importante reforçar ainda que toda forma de emancipação e melhoria social pode ser gerada por essa contraconsciência, já que ela age na concepção e na ressignificação dos fatos e objetos propondo mudanças a eles e assim mudando a realidade e a interação com os mesmos.

Há uma preocupação acerca do desenvolvimento dessa nova consciência e sobre como se fará este processo. Essa preocupação preferia a intelectualização da consciência como combate da alienação, combatendo a consciência inteligente da intelectual. Richard Hofstadter (apud CONSTANTINO, 1978, p. 279) ressalta:

Inteligência trabalha dentro da estrutura de um limitado porém demarcado sistema de metas estabelecidas e pode ser rápido em cortar propostas de ideias que não pareçam ajudá-la a atingir essas metas. O intelecto, por outro lado, é o lado crítico, criativo e contemplativo da mente. Onde a inteligência procura alcançar, manipular, reordenar ou ajustar, o intelecto examina, pondera, se pergunta, teoriza, critica e imagina. Inteligência aproveita o significado imediato de uma situação e o avalia. O intelecto avalia as avaliações e procura pelo significado das situações como um todo.

Caracterizando a mente capaz de desenvolver o processo de contraconsciência, qualidades como: contemplação, imaginação, livre especulação e criticismo radical são destacadas como um fator propício para a criação desse movimento, no qual Constantino (1978) os considera como “qualidades do intelecto”. Curioso perceber que quando ele cita as

características da inteligência é fácil confundi-las com as características de uma máquina. Uma forma curiosa de destacar que a inteligência é mecânica para este autor. Contemplando assim as qualidades do intelecto aqui trazidas pelo autor, debatemo-nos com o senso comum e empírico que traz respostas ainda cheias de dúvidas no qual suprem as necessidades daquele espaço e momento. Essas “crenças” fazem parte dessa construção de uma nova consciência.

Vale advertir que a consciência não busca intelectualizar ou fazer com que todos os indivíduos envolvidos sejam inteligentes, isso não se trata de uma dicotomia. Ela busca potencializar os elementos humanos e proporcionar crescimento através deles. A força social age dentro desse intelecto e lhe impulsiona a criar seus gestos, manias e crenças, é uma relação dialética e homogênea.

“Quando nós consideramos a natureza da tarefa que nós queremos realizar - a evolução de uma nova consciência - e sua magnitude em termos tanto profundos quanto extensos, nós prontamente percebemos que o poder dos melhores intelectuais deve ser trazido para suportar esta tarefa.” (CONSTANTINO, 1978, p. 279)

Constantino (1978, p. 280) ressaltando, contudo, que a educação é , citando aqui o que La Perouse disse se referindo à política espanhola. “... a única intenção era formar Cristãos, nunca cidadãos”. Esse sistema majoritariamente forma novos colonizadores dentro da terra dos colonizados. Esses intelectuais estavam “longe de serem portadores de uma futura contra-consciência”, como destaca Constantino (1978, p. 280), que completava “eles são vítimas e fornecedores da consciência colonial, recipientes da deseducação e que se tornarão os deseducadores da nossa sociedade. “ Aqui se explica o porquê que havia um repúdio a esse modelo de cidadão imposto pela cultura colonizadora.

Porém, “se o desenvolvimento de uma contraconsciência teve que ser, no mínimo parcialmente, o produto de uma intelectualização, há uma questão a ser feita: nós podemos apenas confiar nos nossos intelectuais para esse trabalho?”(CONSTANTINO, 1978, p. 278). É então que chegamos na relação entre meios de produção e a sociedade em si no qual essa relação fundará esses intelectuais responsáveis pela elaboração do processo de contraconsciência. Marx (apud MONTAÑO e DURIGUETTO, 2014) destaca a correlação no qual o Estado influencia diretamente na forma de ser de um povo e vice-versa.

O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. (MARX apud MONTAÑO e DURIGUETTO, 2014, p. 37)

Na nossa sociedade, este trecho explica algumas coisas, já que os costumes nacionais mesmo idênticos sofrem alterações a partir da classe social que estão inseridos. A educação também, pois a escola é uma reprodutora do meio, que no caso é o de reprodução. Em suma,

aqui podemos ver que tudo está centrado de uma forma ou de outra no trabalho que cada um exerce no movimento dessa sociedade e como seu movimento acerca dela produz a consciência que hoje temos conosco. A interação entre as classes também traz muito isso consigo já que devido a globalização, os que mais tem acesso a ela ganham traços de várias culturas diferentes e com isso ficam alheios a essa consciência regional ou local. É importante ressaltar que a contraconsciência é também produzida em volta desses meios de produção, porém ela é feita a partir da revolta acerca do produto desses meios e conseqüentemente provoca mudança na interação com os mesmos.

A partir dessa interação de meios de trabalho e sociedade, passando pela construção da consciência e conseqüentemente da identidade, podemos dividir aqui a contraconsciência em três tipos diferentes: a **política**, a **histórica** e a **estética**. Todas envolvem os quesitos e elementos antes tratados, como consciência, identidade, emancipação, educação, etc, contudo rumam para áreas distintas ainda assim se relacionando

Começando pela **contraconsciência política**, Constantino, citando um trecho de um discurso de José Rizal, evocando a situação ideal onde a contraconsciência surge e começa seu processo de indutor de mudanças. Ele diz:

Nas Filipinas todos esses são *filibusteros* (subversivos): nas cidades eles não tiram seus chapéus quando encontram um Espanhol, faça o tempo que fizer; Aqueles que encontram um frade e não beijam sua adorável mão, nem se ele for um padre, nem seu hábito, caso ele seja um seminarista; Aqueles que manifestam desprazer quando são chamados pelo familiar *tu* por qualquer um ou todo mundo, acostumado como eles são a mostrar respeito ou recebê-lo; Aqueles que são assinantes de periódicos da Espanha ou da Europa, ainda que os trate como literatura, ciência ou arte; Aqueles que leem outros livros além de novenas ou contos de fada sobre os milagres da guilda, dos Acordes ou dos escapulários; Aqueles que nas eleições dos *gubernadocillos* votaram no candidato que não era apoiado pelos padres paroquianos; Todos aqueles, em uma palavra, que estão entre pessoas normais civilizadas e são considerados bons cidadãos, amigos do progresso e do esclarecimento, nas Filipinas são *filibusteros*. *Inimigos da ordem e como pára-raios atraem a ira dos dias tempestuosos e calamidade.*” (CONSTANTINO, 1978, p. 34)

Aqui José Rizal, que foi um herói nacional conhecido por liderar os movimentos de descolonização e nacionalismo filipino dentro dos meios parlamentaristas dominado pelos colonizadores espanhóis, explica de forma bem específica a indignação de uma parte da população para com a outra parte que se rendia aos costumes impostos pelos colonizadores.

Eles eram inimigos do país e de seus costumes, combatidos pelos que buscavam a emancipação. A indignação com os colonizadores era tamanha que, como fala do último verso destacado, os adeptos aos costumes impostos eram tidos como "pára-raios de pesares" baseados na crença popular que surgiu como uma forma de acentuar a negação desses comportamentos mal vistos.

A partir disso, logicamente, surgiram movimentos populares preocupados em combater o pensamento opressor. Esses movimentos já são atos de contraconsciência, contudo ela já estava sendo formada antes disso, através do movimento intelectual, falado anteriormente, vindo das camadas mais populares. A dúvida acerca do papel do intelectual na sociedade e quem são é muito flutuante dentro do processo de contraconsciência política, mas afirmando que a contraconsciência é o produto de uma intelectualização popular, então o social pode agir para a criação dessa contraconsciência, já que ela não é imposta, mas aceita, criada a partir do meio. Essa ideia cruza com a ideia que Souza (2020) cita quando há uma batalha entre as consciências dentro desse plano, no qual uma quer emancipar enquanto a outra busca manter-se como está.

Gramsci, que dizia que a maior das batalhas a ser travada pela classe trabalhadora seria a batalha das consciências e para isso, obviamente, ela deve se desenvolver e preparar culturalmente, sistematizando, refletindo, elaborando e tomando consciência das contradições e mediações que consubstanciam a práxis humana, as relações sociais e de produção na estrutura social capitalista que luta para superar, realizando a emancipação humana. (SOUZA, 2020, p. 95)

No fim para o entendimento da **contraconsciência política** devemos “compreender o trabalho, como categoria fundante do ser social e como elemento estruturador da sociedade” (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2014, p. 73), como foi falado anteriormente. A contraconsciência vai surgir e agir dentro dos meios de produção movimentados pela consciência da classe que o desenvolve, isso porque os meios de produção são a chave para a movimentação dessa sociedade.

A contraconsciência não é apenas um fenômeno dado dentro de um sistema capital, ela é acima de tudo ideológica, já que mexe com as crenças e modos de ser de uma população e envolve a mudança reflexiva, não técnica, dada por livre influência de outros ou por autocriação. Ela visa transformar e propor uma conscientização que busque a melhoria. Contudo, a partir disso, percebe-se que se pensar na contraconsciência como um processo que possa ser anulado já é uma forma de contraconsciência, no que há uma crença de que ela exista e evolua junto com a população que a criou. Isso é um processo político.

E é a partir desse movimento que a contraconsciência surge como forma de movimentos sociais e de classe buscando mudanças na sociedade. Montañó e Duriguetto (2014, p. 112) reafirmam que é com

A ação do intelectual e do partido que pode difundir-se a consciência de classe, transformar-se a *classe em si em classe para si*, construir-se uma ideologia do proletariado, definirem-se os objetivos e meios para as lutas de classes.

É importante destacar que para se chegar na consciência de classe passa-se por um processo de contraconsciência, onde a classe para de ser apenas um grupo subjugado para ser um grupo autônomo como cita Macário (2021, p. 45): “As formas de contraconsciência ou as ideologias críticas só podem ter consequência se vinculadas e operadas por forças sociais reais, incrustadas na sociedade civil”.

A consciência como produto e a contraconsciência como processo. Aqui vemos que a luta ideológica é uma forma de contraconsciência, assim como a luta de classes que engloba essas lutas. A ação do intelectual dentro desse campo são peças sociais dentro de um caminho até o objetivo que se espera ser libertador. A contraconsciência surge dentro dessas movimentações justamente como o processo. A partir do momento que um intelectual (cidadão comum, trabalhador ou não, pertencente ao meio social) propõe uma ideia que vai ao contrário do sistema (ou consciência comum) e esse processo gera um envolvimento de outros intelectuais gerando reflexões, lutas, costumes, tradições, manifestações que vão de frente a esse sistema, esse movimento se chama contraconsciência. Ela busca sempre a vontade desse grupo que a utiliza como meio para a mudança característica dentro da consciência, como define Constantino (1978).

A contraconsciência está intrínseca nos movimentos sociais, eles são meios e formas que ela se manifesta, além de ser meio político. É um processo de lutas que buscam emancipação e assim que é conseguido ela volta a trabalhar para movimentar as próximas melhorias ou mudanças de pensamento. Ela está ligada nesse ponto: a mudança. A contraconsciência sugere a mudança que é o foco das lutas de classes, este processo de não aceitar a realidade pensada e propor ressignificações sobre ela, é, em síntese, o processo da contraconsciência. Por causa disto, ela é como um processo do tipo político, onde o social é discutido e caminhos para chegar até ele são discutidos.

Um último destaque do local da luta de classes dentro da sociedade atual, mostrando que ela não está desarticulada ao resto das lutas, contudo ela está no meio delas contribuindo com as mesmas nesse chamado campo de batalha. A luta de classes não envolve apenas o campo econômico-social, mas todos os aspectos comportamentais, raciais e étnicos introduzidos todos juntos no mesmo campo se apoiando uns nos outros para conseguir impor seu objetivo: a emancipação. A emancipação é o principal objetivo de um movimento social, não no sentido de desvencilhamento mas buscando um lugar próprio dentro de uma sociedade que os oprime.

Olhando agora por outro viés que traz a contraconsciência como um processo resultante da relação dinâmica com a consciência histórica, surgindo através da interação da

vida humana com a experiência do tempo. Schmidt (2016) e Schmidt e Urban(2016) utilizam teóricos como Rüsen e Mészáros para confirmar essa noção: a consciência histórica contribui como base para a produção dessa contraconsciência trazendo a intencionalidade histórico-emancipadora que esse processo produz. Essa é denominada a **contraconsciência histórica**.

Schmidt (2009) e Schmidt e Urban (2016) trazem a contraconsciência como uma produção histórica que tem base na consciência histórica em que pode seguir um caminho além da ação crítica mas que “abrange uma situação objetiva e a reação subjetiva das pessoas envolvidas” (SCHMIDT, 2009, p. 206). Aqui vemos mais uma vez a noção política e sociológica da contraconsciência, mas também da histórica sendo que em alguns momentos é acrescentado à palavra contraconsciência o adjetivo “histórico”, referindo que esse é um termo ligado à história e ao processo e produto que se relaciona a essa área. Por fim, é associado a contraconsciência histórica um caráter para além do capital e da imposição da conformidade que se baseia no aspecto de que o aprendizado é um ato de autoeducação e inseparável da autogestão, sendo os dois um processo significativo.

A contraconsciência histórica consiste na reconstrução da história pelo lado do colonizado que já está indo contra o colonizador, como vimos anteriormente. Esta contraconsciência busca para além da superação do meio opressor: quais as justificativas históricas que integram este meio, como cada indivíduo se constituiu em seu lugar, qual a sua verdadeira história. Assim ela reivindica o lugar de descoberta e recontada por esse mesmo indivíduo que busca se conceituar.

Mészáros na introdução do livro de Constantino (1978) ressalta o impacto que essas *racionalizações* tiveram na história das Filipinas narrada no livro:

As várias justificativas para a nossa subjugação emanam de uma hábil utilização do passado em função de servir os fins coloniais. Contudo nossa ‘libertação’ por parte dos Espanhóis durante os primeiros dias de *ocupação sofreu sucessivas racionalizações* (CONSTANTINO, 1978, p. 4).

Racionalizações se tratam de simplificações na história do colonizado e colonizador. Esses cortes na história são um bom ponto para se crescer a consciência colonizada que subjuga a nação que dela sofre. Contudo a redescoberta da história entra como aliada para o seu respectivo resgate. Assim, a contraconsciência é um processo produzido pela consciência histórica (e por isso também é histórica) que busca a mudança da própria consciência histórica que a produziu propondo a ela elementos que sejam subjetivos e busquem além da negação e da consciência crítica, sendo que a mesma “não é fruto da escolha humana, ela é algo universalmente humano” (MARRERA; SOUZA, 2013, p. 1071). Ela traz os princípios

educacionais de que a aprendizagem como um ato autônomo é feito através da gestão e da educação significativa. O que entra na definição de contraconsciência proposta por Constantino (1978)

“ou seja, toda forma de interpretação do indivíduo sobre sua experiência de tempo, que é capaz de orientar suas ações e permitir a atribuição de sentido às relações cotidianas.” (CONSTANTINO, 1978, p. 1071)

Prado (2021) também se baseia em Mészáros para definir que a contraconsciência surge da demanda popular e também através do processo de descolonização.

A contra-história, ou no qual se poderia denominar “contradiscorso”, é uma tentativa de desnarrativização ou desestruturação da memória e da história do “vencedor”, quebrando narrativas estruturadas com base em uma episteme que exclui, e que são, por isso, estruturas da realidade. (PRADO, 2021, p. 6)

O autor cita a “contra-história” e o “contradiscorso” sendo que os dois são *tentativas* de desbaratização e desestruturação da memória e da história do “vencedor” sendo assim duas estruturas da realidade. Claramente a contra-história é um dos elementos fundantes da contraconsciência, como também podem ser produzidos por ela.

Como já foi falado antes, a contraconsciência é um produto da história ou de sua refutação e, com isso, sua função é de primeiramente e mais que tudo reagrupar os sistemas sociais vigentes. Ela é formada através da razão e desenvolvida através daquilo que o indivíduo valida como racional embasado na sua capacidade argumentativa (MARRERA; SOUZA, 2013). Contudo, esse processo procura quebrar as bases e epistemes excludentes e assim ele se liga ao processo proposto por Constantino (1978) como um processo contra as ideologias vigentes. Este modelo de contraconsciência também se baseia na história e no conhecimento da mesma para então desconstruí-la provocando uma adesão de uma dessas versões do real, assim a contraconsciência não é única, ela apresenta vários caminhos com vários fins diferentes, resultando em diferentes ideologias que mudem completamente a vivência para algo novo e inclusivo ou para o caminho contrário. Por isso, Prado (2021) propõe que esse processo vise a descolonização para que assim possa se proporcionar caminhos para a desconstrução da narrativa colonial, tida como eurocêntrica.

Esse aspecto também é falado em Schmidt, no qual ela diz que

A importância da História para uma contra-internalização ou uma contraconsciência histórica que não se esgota na pura negação ou consciência crítica [...], mas uma contraconsciência que abrange a situação objetiva e a reação subjetiva das pessoas envolvidas. (SCHMIDT, 2009, p. 205)

Aqui temos mais uma proposta de criação de contraconsciência através da história porém aqui ela traz que a contraconsciência que se volta apenas para a crítica não é suficiente,

a contraconsciência acima de tudo deve compreender o processo, saber seus pontos de partidas e seus ideais realizados e possíveis. É interessante ressaltar que esse aspecto crítico e dialético é o que faz a contraconsciência. Por ser um movimento ainda em desenvolvimento está aberto a constantes críticas e motivações.

Na realidade, a contraconsciência não é voltada apenas ao crítico, indo além na dialética e com isso traz mais um elemento marxista à causa. A contraconsciência mira na divulgação dialógica dos fatos para assim agir na sensibilização e futuramente, subjetivamente, na re-conscientização. Este é o foco dos movimentos sociais quando trazem eventos históricos como bases para revoluções, os fatos são os próprios fundamentos da realidade que precisa ser mudada.

Um ponto em comum dentro dessa ideia de contraconsciência é a valorização dos elementos regionais e nacionais, como uma forma de regionalismo e nacionalismo criando assim a identidade nacional. Essa contraconsciência propõe que haja um resgate desses costumes, do meu modo de agir e pensar, e a partir deles buscar caminhos inclusivos para essas demandas que vem da população como um todo ou regionalmente.

Há ainda um destaque para o contato com os meios de contraconsciência durante a formação humana, tanto acadêmica quanto social. A partir disso, Prado (2021) diz que esses debates são essenciais para uma formação docente de qualidade, evocando esse processo na formação do profissional da educação. Ele propõe um contato maior com esses meios de contraconsciência e que esses meios são necessários para a criação da consciência reflexiva e crítica que fundamenta tanto a vivência acadêmica quanto a social. O autor cita que:

O desenvolvimento social e cultural é acompanhado pela transformação do paradigma científico, com novas perspectivas e conhecimentos, em que são fornecidas novas formas de olhar o mundo, as pessoas interpretam o mundo de formas distintas, o fim é a transformação do mesmo. (PRADO, 2021, p. 11)

Durante o processo de contraconsciência, o científico se conflita ao social e cultural e não é um conflito antagônico, pois há uma discussão acerca dos pontos que podem contribuir para a mudança social. É importante destacar que a visão dos indivíduos envolvidos nesse processo é que guiará para qual uma discussão irá suportar. Nisso ainda está fragmentado já que a discussão para a melhoria não é uma estratégia comum na resolução de problemas. Vemos, ainda, que a substituição de aspectos não muda o real objetivo da contraconsciência que é a mudança.

É no olhar social ,visto através do paradigma científico, que o social e cultural encontra sua negação, apropriação ou equivalência. No fim, eles não são opostos e sim lados

do mesmo espectro que buscam o mesmo ponto alvo: a transformação promovendo a possível melhoria e emancipação.

Prado (2021) e Schmidt (2009) buscam em Rûsen para concluir que o produto da contraconsciência é a cultura histórica que vem aliada a consciência histórica, esse termo ‘histórica’ traz uma conotação de meio reflexivo e contextualizado, portanto, a consciência ou a cultura histórica se situam no passado para refletir seus passos no futuro e assim refletir acerca dos seus caminhos, se reinventando a partir de si mesmo. Uma explicação para esse aspecto é que:

A consciência histórica é o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana (RÛSEN, 2001, p 58), pode e deve ser repensado à luz de uma educação para além do capital e, portanto, da formação de uma contraconsciência histórica. (SCHMIDT, 2009, p. 205)

A produção da consciência é voltada para o capital, intrinsecamente, trás os valores ideológicos capitalistas como bases fundamentais. A redução histórica está em meio disso enfatizando apenas eventos e fatos que interessem ao gosto do capital, produzindo assim uma consciência que não conhece o todo pois está perdida em fragmentos.

Trazendo isso para a luz da educação, como cita Schmidt (2009), é proposto que a educação utilize seus pressupostos históricos para se consolidar como libertadora, esses pressupostos não devem destacar apenas o lado conteudista voltado para a formação do trabalhador, ele deve buscar a formação do tão falado indivíduo histórico, intelectual capaz de utilizar tanto sua consciência como sua contraconsciência histórica.

Sabendo disso, a interpretação de mundo cria diferentes caminhos para o mesmo processo, contudo todos eles fazem parte do mesmo. Exemplificando isso, podemos evocar os diferentes movimentos sociais que circulam em nossa sociedade. Esses movimentos buscam melhorias através de mudanças no meio social, política e até mesmo econômico no qual dentro desses movimentos existem várias ideias baseadas em diferentes fundamentos. Cada ideia leva a um resultado similar porém com características diferentes. Este é o sentido da contraconsciência, pois todo esse processo está dentro dela.

A contraconsciência surge através do confronto social do indivíduo com sua história, ele a muda através da criação de uma nova consciência. Na contraconsciência histórica, esse processo é trazido como a chave para a educação voltada para a criação de algo que não priorize o capital: realmente a contraconsciência buscar aludir esses aspectos antes denominados desnecessários para a formação do modelo capitalista de cidadão.

A contraconsciência é um processo que se utiliza do lado histórico da consciência e busca utilizá-lo como motivo para esta reinvenção, a palavra chave aqui continua sendo

mudança contudo sua variante, reinvenção, pode muito bem ser colocada no mesmo amplo sentido.

Trazemos agora o aspecto mais expressivo e social da contraconsciência: o estético. A **contraconsciência estética** é explicada por Tiburi (apud MENEZES; GREGORI, 2016) como uma forma de expressão que se direciona para fora dos padrões pré-estabelecidos que pretendem limitar os modelos sociais de expressão principalmente ligados à arte. No fim, a contraconsciência estética procura a quebra do valor do produto da expressividade propondo uma nova releitura dos que já existem e ainda o acolhimento de novas maneiras de se expressar.

É curioso pensar em quantas áreas e aspectos possuem elementos da contraconsciência já que a mesma pode ser resumida pelo sentido de mudança de regras estabelecidas. De fato, a contraconsciência pode ser muito expressiva dentro do campo da arte, já que a arte é tida como a expressão humana, como exemplo, podemos citar a “pixação”, trazida como elemento principal de Tiburi (2013), que dentro de seu universo, busca dar voz a cidadãos da comunidade que se expressam através de suas imagens e mensagens que não possuem um apelo tido como "estético", priorizando assim suas interações com o mesmo.

A **contraconsciência estética** é tida como um fator e um produto da ação da contraconsciência. Sabe-se que uma sociedade está passando pelo processo de contraconsciência quando este se apresenta nas artes, através de mensagens e discussões que provoquem o que a consciência histórica e política faladas anteriormente buscam induzir. É um processo de comoção e de sensibilização evocando mais indivíduos para esse movimento, como também um processo de expressão.

E é disso que a contraconsciência estética busca: reflexão e comoção através da expressão. Esta expressão, vindo da reflexão individual, traz um convite para a reflexão coletiva. Ela se constitui, então, por contraconsciência através de dois pontos: a) pela mudança do indivíduo que expressa, se constituindo o lado da autoeducação do próprio que elaborou um jeito de colocar sua luta e sua mensagem através daquela expressão, e b) pela reflexão em si, esta que toca o outro indivíduo que a vê ou participa dela, incitando a compreender aquela expressão.

Toda mudança possui uma expressão. É nesse aspecto da contraconsciência que esta mudança é divulgada, expressa, refletiva e reconstruída, é aqui que ela conquista novos indivíduos através da mesma autoeducação que o incita a pensar no seu meio.

A pichação, por exemplo, (tratado como “pixação” por Tiburi) como forma de contraconsciência estética apresenta-se como uma forma de contra-espço, reclamando

direitos à cidade e a existência buscando a apropriação do meio urbano e defendendo a contra-estética e a contra política. (TIBURI apud MENESES; GRIGORI, 2016). Esse movimento vem da revogação social do direito à cidade e ao lugar de se expressar em todos os lugares, em mostrar sua luta em todos os espaços.

“Somos devotos do capitalismo. Não chega a ser impressionante que já entremos a desmontagem de genero e ate do sexo que muitos pretendem preservar, mas a propriedade privada permanece intocavel.” (TIBURI, 2013, p. 41)

Aqui vemos mais uma vez uma proposta de mudança, não se trata de extinguir a política, os espaços ou a estética e sim de mudança, de ampliá-la, entrando ai mais um aspecto da contraconsciência fundamentado no pressuposto que a consciência que rege essas preceitos e significados possui a necessidade de mudança, constitui-se assim “uma teoria que se deixa tocar por seu objeto, e que, ao mesmo tempo, o toca, não para controlá-lo, mas para manchá-lo com uma tinta nova.” (TIBURI, 2013, p. 46)

Por fim, entendemos que esses processos de contraconsciência não buscam diferenciar e classificar os movimentos. Todos os movimentos do meio social que visam o processo de contraconsciência podem apresentar esses aspectos agora citados. Isso mostra como esse processo é complexo e subjetivo ao mesmo tempo que comove o coletivo. Não podemos esquecer ainda como eles se relacionam com a educação evocando elementos que compõem essa prática educacional. No fim, estávamos falando dessa prática educacional o tempo todo e, mesmo sem citá-la, estávamos trazendo seus aspectos políticos, históricos e sociais e os incorporando na explicação do processo de contraconsciência.

CONTRACONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO

Neste capítulo será explicado como a contraconsciência pode ser considerada como práxis e como ela provoca efeitos educacionais destacando quais são eles e de onde vem. Por fim, será analisada a presença da educação dentro da relação da contraconsciência com a mudança social.

De início, tomando a ideia de Eles e Davydova (apud VÁZQUEZ, 2007, p. 58) no qual definem a práxis como “o processo vivo infinito de mudança e transformação” e que a mesma está ligada com a dialética:

A dialética materialista - dizem - é a ciência da transformação do mundo natural em mundo humano; é a teoria da transformação revolucionária do próprio homem” (VOPPROSY FILOSOFI apud VÁZQUEZ p. 58), a contraconsciência (sendo esta também um processo) entra no sentido da “transformação revolucionária” e no “processo vivo de mudança e transformação” aqui citada.

A práxis pode ser ligada diretamente ao prático porém ele se fundamenta em aspectos reflexivos que buscam a constante mudança do processo, isso remete a explicação de Rusen (apud MARREIRA e SOUZA, 2013, p. 1074) acerca da sua "consciência genética", ele diz que:

Eles compreendem sua identidade como “desenvolvimento” ou como “formação”, e ao mesmo tempo, com isso, aprendem a orientar temporalmente sua própria vida prática de tal forma que possam empregar produtivamente a assimetria característica entre experiência do passado e expectativa de futuro para o mundo moderno nas determinações direcionais da própria vida prática.

Essa formação de identidade é uma práxis, onde se analisa elementos do passado para assim construir uma nova identidade. Daí vemos que não é alheio a nós essa maneira de se fazer a práxis em si. Contudo, como a contraconsciência se dá nesse processo? Nicodem (2014, p. 81) cita que “A coincidência da mudança de circunstâncias e da atividade humana ou da auto mudança pode ser concebida e racionalmente entendida apenas como prática revolucionária.” O que liga diretamente com a ideia de Vázquez sobre a chamada práxis revolucionária:

Como toda atividade propriamente humana, a atividade prática que se manifesta no trabalho humano, na criação artística ou na práxis revolucionária é uma atividade adequada a fins, cujo cumprimento exige - como mostramos - certa atividade cognoscitiva. (VÁZQUEZ, 2014, p. 277)

Concluimos então que a contraconsciência é uma práxis revolucionária, sendo ela um produto, e também um processo, que busca construir, ou reconstruir, aspectos, conceitos e assim alcançar consciências e identidades. Ela como práxis tem um processo contínuo e sempre está orientando uma nova melhoria ou fase. Já foi discutido nos capítulos anteriores

que esse papel da consciência e que sua principal característica é a constante mudança, sendo ela diretamente ligada à identidade.

É importante destacar a contraconsciência como um combustível para os movimentos sociais. Sendo ela o estágio inicial dessa forma de expressão e reivindicação de direitos. Gohn (2004, p. 141) destaca que esses movimentos “expressam energias de resistência ao velho que os oprime ou de construção do novo que os liberta” e completando essa frase com a de Arroyo (2012, p. 41) que, citando Freire, destaca:

Há um ponto muito forte que sempre chamou atenção de Paulo Freire. Ele não diz apenas que esses processos de trabalho, de luta pela existência, são formadores. tem coragem de dizer até que a própria vivência da opressão pode ser uma matriz formadora.

A superação do velho e proposição do que é novo, sendo este feito a partir desses processos de trabalho e de luta pela existência são outras duas características básicas do processo de contraconsciência.

No capítulo anterior vimos ainda que esse processo surge através do incômodo individual e a busca de melhorias através da mudança social. Este processo não pára, sempre buscando novos pontos e novas formas de agir, sendo ele na arte, no campo acadêmico e comportamental. Porém aqui temos um novo aspecto do mesmo, o que ele pode tocar as pessoas provocando as mudanças necessárias para essa movimentação. Mesmo sendo um pouco abstrato de se pensar um processo de transição como etapa para a mudança, ele constitui uma fase necessária e busca criar uma espécie de contra-internalização (ou contraconsciência) que quebre o círculo de reprodução do capital, de forma duradoura e concreta.(MINTO apud NICODEM, 2014)

Outro elemento que se encaixa nesse processo é a educação. Contudo podemos afirmar que a contraconsciência não funciona fora dos meios educacionais, pelo contrário, ela se forma dentro da educação informal e da auto-educação. Espaços sociais voltados não diretamente para a educação curricular, principalmente em zonas marginalizadas, que buscam a interação do indivíduo com o meio, traz justamente esse processo de contraconsciência à tona através do enfrentamento da realidade e a sua, consequente, reflexão. Pode-se afirmar que isso é um processo educacional e dialético. Mészáros (2008, p. 53) defende esse processo quando diz que:

Pois muito do nosso processo contínuo de aprendizagem se situa, felizmente, fora das instituições educacionais formais. Felizmente, porque esses processos não podem ser manipulados e controlados de imediato pela estrutura educacional formal legalmente salvaguardada e sancionada.

Um aspecto aqui citado é o controle e manipulação pela estrutura educacional formal que não possibilita nosso sistema educacional não nos abre espaço para esses tipos de expressões e movimentações. Este pensamento já é um pressuposto para uma criação de uma contraconsciência que busque uma liberdade educacional e reflexiva maior dentro da escola formal.

Outro ponto antes falado foi a auto educação, Schmidt (2009, p. 206), quando se refere a criação de uma contraconsciência histórica, cita que o “pressuposto negocial de que qualquer aprendizagem é auto educação e é inseparável da prática significativa da auto-gestão.” Inicialmente é estranhado este aspecto dentro de uma educação formal, principalmente a atual, porém a auto educação se refere aos aspectos citados da reflexão própria, a capacidade de todo indivíduo de pensar acerca do seu meio e tirar conclusões daquilo, essas conclusões mudam sua identidade e seu modo de agir, isso é a auto-gestão. Essas práticas são comuns e são elas que formam o constante processo de formação da identidade.

Neste sentido total, a contraconsciência histórica busca nesse pressuposto causar um incômodo através dessa reflexão e assim provocar a re significação histórica do que foi refletido através de uma “desnarrativização ou desestruturação da memória e da história do “vencedor”, quebrando narrativas estruturadas com base em uma episteme que exclui, e que são, por isso, estruturas da realidade.”(PRADO, 2014, p. 6) Sendo esse outro processo educacional causado pelo processo de contraconsciência, a deseducação de algo para a reeducação do mesmo, trazendo elementos agora presentes na vivência do indivíduo e no que faça sentido ao seu crescimento e emancipação.

Podemos afirmar ainda que todo processo social atual, incluindo nossos direitos básicos e conteúdos educacionais passaram pelo processo de contraconsciência até se juntarem e se tornarem movimentos sociais. Montaño e Duriguetto (2014, p. 123) afirmam que:

“Lenin em seu artigo Sobre as greves, escrito em 1889, tece considerações sobre a importância dos sindicatos e das greves, afirmando que significam o começo da luta de classe operária contra toda a estrutura da sociedade.”

Eles foram motivados pelo confronto causado pela disparidade de identidade com o capital. Sindicatos, clubes, coletivos, espaços de convivência, entre outros, são palcos sociais para a discussão, reflexão e incitação à mudança para a melhoria social. Importante destacar que, como vimos antes, a contraconsciência não pode agir em movimentos ideológicos não-emancipadores já que seu pressuposto é a melhoria individual dentro do contexto social

total. E assim através dela, a educação (elemento que falaremos mais a frente) tem o poder emancipatório e humanizante, construindo coletivamente a luta em busca desses ideais já que “a educação esta diretamente ligada às possibilidades de curto e longo prazo de superação do capital.” (NICODEM, 2014, p. 83)

Esses “efeitos educacionais” que induzem a criação de uma contraconsciência e se aproveitam de seu processo para discutir novas ideias, são bem comuns no dia a dia. Eles podem surgir de iniciativas não-formais, na maioria dos casos como falado anteriormente, e comumente são ligados à busca de melhorias diretas ou não-diretas. Contudo antes mesmo dessa junção social, pequenas iniciativas individuais são tomadas, como veremos nos exemplos a seguir.

Souza (2020, p. 94), inicialmente, chama essas situações de “brechas” enquanto destaca acerca de sua criação e como elas influenciam na sociedade:

[...] há brechas e elas precisam ser aproveitadas. Elas se materializam através da criação de grupos de estudo e pesquisa (produzindo para publicar e disseminar suas ideias), projetos de extensão (junto às comunidades periféricas), grêmios, seminários, congressos, simpósios, ações em conjunto com movimentos sociais e demais órgãos, instituições e entidades da parte da classe trabalhadora, etc. impreterivelmente de uma perspectiva *revolucionária, anticapitalista, marxiana, ontológica e socialista*. Esses são instrumentos mediativos-organizativos que podem contribuir para a *elevação da consciência de classe* da classe trabalhadora, para a superação da consciência imediata, da pseudoconcreticidade do real, de modo que a classe trabalhadora possa compreender a constituição do ser social [...].

Um ponto em comum desses movimentos sempre é a mudança emancipadora que ele busca que atinge todos os envolvidos, sempre destacando a consciência e como pode-se refletir acerca dela mesmo, não tratando desses elementos de forma direta. Esse processo não busca ser finito, ele sempre se movimenta para suprir as necessidades propostas e observadas ali, naquele mesmo espaço, através de estudos, de conversas e de ideias. Ela é tida como um processo, logo todos se utilizam dela pra chegar até o objetivo que, no trecho destacado acima, é a educação para a elevação da consciência de classe, podendo ser direcionado para vários fins diferentes, ainda assim utilizando os mesmos processos. Aqui o que se destaca é como se faz. A finalidade sempre será voltada à emancipação dos meios sociais vindos de meios educacionais e se utilizando dos mesmos para se reinventar.

Outro exemplo mais amplo é a movimentação do campo das artes como sistema de expressão humana, Canva (2015, p. 51) destaca a arte

como atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita a partir de percepções, experimentações, busca, pesquisa, levantamento de hipóteses e de ideias, com o objetivo de mexer com emoções e sentimentos de um ou mais espectadores e também pensando na arte como conhecimento, como necessidade do ser humano de criar, recriar, transformar a matéria e se expressar.

Como citado antes, Tiburi (2011) traz uma discussão acerca da “pixação” como forma de contraconsciência, incitando ainda a contra-ligagem e contra-teória, sendo essas duas uma forma de manifestação ao modelo já estabelecido. Ela destaca que

O que a pixação almeja é, portanto, sem nada *quebrar enquanto produz uma quebra*, um estilhaçamento do espaço fechado que se torna espaço craquelado, maculado, fissurado. [...] Lefebvre (2008) ao expor um sentido de um ‘*direito a cidade*’ falava da criação de um espaço contra a fragmentação [...].

Este trecho sintetiza a ideia da quebra do espaço privado e a utilização do mesmo como tela de expressão das ideias que estão emergindo dentro dos indivíduos que o fazem. Ela cita o *direito à cidade* e que ele deve ser contra a fragmentação aqui entendido como divisão das propriedades privadas. Em si, percebe-se a ideia de que no fim esses grupos só procuram formas de expressar seus obstáculos dentro da cidade e preferencialmente em locais visíveis para que eles possam atingir o máximo possível de outros indivíduos.

Aqui temos os dois elementos base do processo que aqui estudamos, a reflexão acerca do seu meio e a auto-educação no sentido emancipador. Reflexivo, quando o pixador busca elementos do seu meio para produzir as mensagens nas proibidas paredes privadas da cidade, e de auto-educação, pois além de acomodar o resultado de suas reflexões na sua identidade, ele busca meios de atingir novos indivíduos com aquela mesma mensagem, fechando assim o ciclo do processo de contraconsciência.

Podemos citar ainda o movimento de ocupação das escolas que ocorreram principalmente nos anos de 2015 e 2016. Estas ocupações se constituíam de membros da comunidade, principalmente alunos e jovens de classes populares, que iam até as escolas montar acampamento enquanto promoviam oficinas, encontros e debates acerca das pautas que queriam destaque. Essas pautas se opunham às políticas educacionais estaduais de caráter neoliberal, em sua maioria, como a Medida provisória da reforma do ensino médio, o projeto de emenda constitucional 142 (que congelou por 20 anos os gastos sociais da união), fechamento de escolas, entre outras. Esses movimentos surgiram devido ao dissenso entre os indivíduos e as políticas vigentes, criando a partir do seu meio uma forma de resistir e pedir por melhorias.

Se tomarmos como exemplo as ocupações secundaristas [assim chamadas essas ocupações], que tiveram como cenário o chão da escola, somos capazes de perceber um movimento de resistência muito articulado contra uma hegemonia política que deseja determinar, para além de estruturas econômicas e sociais, um modelo educacional vigente que assegure tudo no seu devido lugar. As novas relações estabelecidas por estudantes geraram um afeto capaz de desarticular e desequilibrar práticas pedagógicas escolares tradicionais. Ainda que possamos considerar que foram rupturas mínimas - porque não afetaram a política e a estrutura -, é certo dizer que elas foram fundamentais na formação política auto-organizada de um grupo de

peças durante um processo que teve lugar na escola." (GROPPO; SILVEIRA, 2020, p. 12-13)

Nesse trecho podemos identificar algumas características da contraconsciência: a política auto-organizada no sentido da produção autêntica desse grupo para sua própria educação e emancipação, tendo em vista a humanização do indivíduo. Destacando ainda que esses movimentos não tiveram o impacto necessário para reter essas imposições, entretanto, no fim, o crescimento pessoal dos indivíduos, os tornando seres mais reflexivos e participantes da sua realidade, fez com que esse processo fosse validamente essencial.

É melhor fazer pouco na direção certa, do que muito na direção errada [...] Sua realização, porém, depende do que anda na cabeça das pessoas. Pois é lá que estão as ideias, os conhecimentos, os valores, as convicções que permitem fazer escolhas. (TONET apud SILVA, NOMERIANO e GUIMARÃES, 2015, p. 4).

Nem todo movimento busca mudar o mundo como único objetivo, alguns buscam mudar o indivíduo e a partir daí propor uma mudança de mundo. Este movimento no fim mudou a concepção dos envolvidos nele, como afirmam Groppo e Silveira (2020), esses indivíduos naquela experiência construíram sua atividade cognitiva a partir do refletir. E é nesse contexto que a educação como objetivo e processo pode ser considerada uma educação para além do capital, parafraseando Mészáros. Uma educação que traz a incumbência de desconstruir a falsa consciência”, como citam SILVA, NOMERIANO e GUIMARÃES(2015). Aqui estamos nos despedindo da ideia de que a educação se dá apenas em instituições formais e direcionadas a esse meio, estamos falando de locais onde predominam o impessoal e a movimentação social, praças, coletivos, comunidades. Nesses meios a educação vem como uma proposta de contraconsciência ao ideário capitalista.

O que une essas três situações agora citadas é a já falada “auto-educação” iniciada por um processo reflexivo a partir do seu meio, o que Freire(2001) pode considerar como uma tomada de consciência, e que propõe práticas que promovam não só o crescimento dos indivíduos envolvidos mas dos que entram em contato com essas vivências, sendo todas elas planejadas a partir da reflexão no intuito de gerar reflexão. Essa práxis tem um intuito não só da reflexão pela mesma, ela age, ela busca educar para além do meio através da prática do social e contra o capital que os rege. É uma educação para a consciência, para a modificação da mesma. Vázquez (2007) consegue resumir a atividade desses três exemplos discutidos, trazendo uma teoria produzida através da reflexão do indivíduo a partir do seu meio e duas formas de pôr em prática o que ele construiu que, de acordo com esses casos, se manifestam de diversas maneiras (ações reais efetivas):

Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere *um trabalho de educação das consciências*, de organização dos meios materiais e planos concretos

de ação; tudo isso como passo indispensável para desenvolver ações reais efetivas. (VÁZQUEZ, 2007, p. 237).

Por fim, destaca-se um ponto em comum entre ramo educacional e a contraconsciência que intui-se em direção à mudança social ligada a emancipação, humanização e diminuição da desigualdade social: a práxis revolucionária. Já sabe-se que a mesma está ligada diretamente com o melhoramento social através da reflexão, incômodo da identidade individual, descontentamento dos meios de trabalho e de efeitos negativos causados pela busca desenfreada do capital, como também sabe-se que seu nascimento não se dá dentro das novas instituições dotadas do “poder formal” como foi discutido a partir das informações propostas por Hall (2015) nos capítulos passados. De fato, essa práxis se confunde com o conceito em si do processo de contraconsciência, mesmo ficando claro que a primeira abrange a segunda.

Explanando de uma forma mais direta, este processo é uma interrupção direta na produção e ação do trabalhador já produzido ou em desenvolvimento. Essa interrupção vem dele mesmo, ele percebe a si mesmo nesse meio e se educa (auto-educação), mudando sua identidade e conseqüentemente a sua consciência (auto-gestão). Esse processo gera uma luta, dentro de si (interna) e externamente (com outros indivíduos) isso pode se chamar de contraconsciência, uma consciência que busca a melhoria se sobrepondo a outra. Essa luta utiliza várias armas e todas com o viés de conquistar para educar. Essa luta se passa no campo educativo já que “a educação está diretamente ligada às possibilidades de curto e longo prazo de superação do capital” (NICODEM, 2014, p. 83).

Somente desta maneira se poderá aproximar aquilo que Mészáros (2008, p. 56) intitula como atividade de '*constrainternalização*' e que Tonet (2005) define como *atividades educativas de caráter emancipador*. Ambas expõem os limites estruturais do capital, sua lógica irreformável, incontrolável e incorrigível, evidenciando os limites e ilusões que envolvem a emancipação política e a necessidade de se lutar por sua superação para a concretização da emancipação humana (SOUZA, 2020, p 97).

Pode-se afirmar que no trecho se apresenta o produto absoluto da contraconsciência: um ciclo onde indivíduos reflexivos se reinventam *pari passu* com seu crescimento e interação a partir do meio, se refletindo através de suas lutas sociais e no campo educacional, sendo ele um campo indicativo do social como também processo de desenvolvimento do cidadão trabalhador.

CONCLUSÃO

Para entender como a contraconsciência se relaciona a prática educativa, expliquemos primeiro de onde ela surge, descrevendo os elementos educativos que ela cria para assim discutir seus produtos.

A contraconsciência se constitui dentro do meio opressor e excludente que uma realidade se encontra, contudo ela não surge da realidade e sim dos indivíduos que pertencem a ela, sendo que essa realidade foi produzida por uma relação com o meio (o que na nosso sistema atual, se dá através da relação do capital e do meio do trabalho).

Essa contraconsciência se firma na identidade do indivíduo e o faz refletir acerca do seu meio, porém, contrariando Constantino (1978) que diz que ela se aplica apenas ao momento da manifestação dessa individualidade, acreditamos que ela surge no momento ainda da reflexão *pari passu* ao desejo de mudança criado através desse processo.

Essa reflexão constante é a base para esse processo. Ela é a busca constante por novos caminhos que levem à transformação daquela realidade para uma realidade mais aprazível para aquele indivíduo e outros indivíduos. Essa é a melhoria de vida e a emancipação do meio opressor. Esse processo não se passa fora do indivíduo, mas é moldado acerca de suas experiências, mudando também o indivíduo, levando-o a ter domínio acerca de sua história e de seu meio, e caso não tenha, ela também provoca a luta por essa mudança.

Então a partir daí ele busca expressar-se com o intuito de atingir mais indivíduos baseado nessas experiências e reflexões. Este indivíduo, antes de tudo, já é educador de si mesmo, sendo que “ainda, num campo bem limitado, pode-se desenvolver uma consciência de classe quando existem educadores comprometidos para tal fim.” (SILVA; NOMERIANO; GUIMARÃES, 2015, p. 5) E é a partir disso utilizando as mesmas relações com o meio que ele se educou que ele atinge os outros indivíduos. Não há uma imposição de ideias aqui, há um questionamento, uma conversa. O que futuramente dará espaço para uma reflexão.

Esse é o efeito da auto educação a partir do meio, o que comove outros movimentos que são organizados para provocar a mudança do meio que os oprime, sendo esta a autogestão. Aqui a “consciência se torna unidade”, como destaca Constantino (1978, p. 38). Esse movimento se manifesta através de lutas sociais pela obtenção de direitos, greves e sindicatos, como também grupos de estudos e grupos dentro de comunidades. Sempre com o intuito da emancipação e da melhoria de vida.

A contraconsciência então é tida como um produto da educação, mas não da educação formal e sistematizada das escolas e sim a autoeducação a partir da interação com o meio e da

reflexão acerca da sua realidade. Isso são **meios informais de se educar**. Percebe-se que durante este trabalho, a educação foi citada várias vezes, contudo em nenhuma delas foi aliada a escola. Esta educação que leva à contraconsciência não surge nesses espaços no nosso sistema atual, contudo ela pode surgir através da reflexão do seu meio. Isso destaca a importância do popular dentro do processo de contraconsciência. A mudança aqui almejada não virá de uma classe “intelectual e letrada”, ela se manifestará em um meio popular que entra em contato direto com a realidade que ele participa.

É por estas razões que a contraconsciência é uma práxis e sendo ela uma práxis, ela também é reflexiva, mudando seus objetivos e suas formas de agir de acordo com a reflexão do indivíduo. O seu objetivo, portanto, é a ação revolucionária, como foi explicada anteriormente, e por conta disso ela sempre irá sensibilizar os indivíduos para as noções de mudança do seu meio, constituindo assim uma práxis revolucionária. Ressaltamos ainda que a contraconsciência não é um órgão ou um sistema defensivo nem muito menos uma entidade que se cria para se auxiliar os indivíduos. Ela é um processo, que depende da força de reflexão e da vontade de mudar inerente a consciência do indivíduo.

Partindo desse produto e processo que é a contraconsciência, podemos delimitar três de seus aspectos aqui falados como práticas educativas que contribuem para o alcance do seu objetivo central. Algum desses aspectos sempre se apresentam em qualquer forma de contraconsciência, pois eles são a base de qualquer movimento social.

Começando pela contraconsciência política, sua prática educativa se apresenta na localização do indivíduo no meio que ele está, ela engloba muito da contraconsciência histórica e da estética, contudo é ela que o comove para pautas e noções de níveis coletivos e de amplitude social. Ela também surge da auto educação criada através da reflexão do meio, porém submete o indivíduo a ações que levam a aquisições de direitos. Constantino (1978) citou o caso dos cidadãos filipinos que tinham completa aversão à cultura colonizadora, a considerando “um mal agouro”, e, para combatê-la, tentavam voltar aos seus costumes locais tidos pelos colonizadores como “errados”. Essas ações que levavam ao incômodo do opressor como também ao impacto dos indivíduos da sociedade que as viam, elas tinham um intuito de sensibilização. A sensibilização é uma prática educativa utilizada dentro do processo de contraconsciência.

A contraconsciência histórica já tem um processo mais intrínseco, ela busca a explicação da realidade a partir da história dos indivíduos em relação ao meio. Ela busca o exercício da consciência, sendo ele a reflexão, e a partir disso há propostas de mudanças. Essa história é recuperada através de resgates populares buscando entender em que ponto a

realidade opressora se instalou e como revertê-la. Essa contraconsciência busca ainda heróis populares em contrapartida dos impostos pelos colonizadores utilizando suas histórias como pontos reflexivos. É interessante ressaltar, que dentro da contraconsciência histórica, as histórias populares, sendo elas fantasiosas ou não, assumem lugar como motivadoras para criação dessa consciência. É a história do indivíduo contada pela visão do indivíduo gerando assim um ponto de reflexão em contrapartida da versão contada pelo colonizador. A reflexão aqui se apresenta como uma outra prática educativa que contribui para o processo de contraconsciência como também para a elevação do nível de consciência de cada indivíduo.

Por fim, a contraconsciência estética, que está ligada às artes e a expressão humana, é a forma mais tangível de contraconsciência. A arte é intrínseca ao indivíduo, seu expressar e agir possuem arte dependendo de quais outros indivíduos ele atinge. Dentro da contraconsciência estética novas formas dessa expressão artísticas são propostas, não através de novos meios mas através de novas mensagens. Em suma, ela funciona como uma “dialeção dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante” (FREIRE, 2001, p. 32).

Para se chegar a esse aspecto da contraconsciência se utiliza a reflexão constante do meio e, acima de tudo, como transmiti-la ao meio. O objetivo desse aspecto é incitar a criação do processo, é sensibilizar para assim refletir. Com isso novos meios de se expressar são criados para abarcar essas novas mensagens e ideias, e claro, vindos da população que mais entra em contato direto com esse meio que se quer reivindicar. A prática educacional destacada aqui é a interação, dessa vez não com o meio, mas com a mensagem a ser dada. Essa mensagem surge de uma reflexão e leva ainda a outra reflexão, é um convite.

Afirmamos por fim de que educação é um produtor de contraconsciência e um mantenedor da mesma enquanto processo. Porém, essa educação aqui falada não é uma educação voltada para o capital e nem incrustada de elementos excludentes e coloniais, contudo, propomos aqui uma educação informal constituída para a melhoria social.

Mészáros (2008, p. 65) foi feliz quando afirmou que “o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução.” A educação aqui falada não vem de instituições formais, nem de curriculum pensados para este fim, ela não surge através de estímulos planejados e não necessita de conhecimentos elaboradamente científicos para surtir algum efeito. Nesta educação todos somos alunos e ao mesmo tempo todos somos professores, como também alunos e professores de nós mesmos.

E é a partir disso que Nicodem utiliza Andrioli (2014, p. 87) para afirmar que “é coerente que a posição do educador seja em favor dos oprimidos, não por uma questão de caridade, mas de identidade de classe, já que a luta maior é a mesma.” Se busca uma luta conjunta pela melhoria social de todos, sendo que essa luta é feita por todos a partir da realidade de cada um.

Por fim, elucida-se que estes conceitos aqui propostos miram em uma utopia onde todos caminham para melhorar a realidade a partir da educação, como propõe os mais famosos clichês acerca da educação. Não se pode ser irreal e dizer que isto é uma realidade próxima, não é, contudo, a utopia se inicia no momento em que se começa a lutar por ela.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Os movimentos sociais reeducam a educação. In.: ALVARENGA, Marcia Soares de (Org.). **Educação popular, movimentos sociais e formação de professores: outras questões, outros diálogos**. Rio De Janeiro: EDUERJ, 2012.

CAVA, Laura Célia Sant'ana Cabral. **Metodologia do ensino da arte**. Londrina: Editora e distribuidora educacional S. A., 2015.

CONSTANTINO, Renato. **Neocolonial identity and counter-consciousness: Essays on cultural decolonization**. Londres: The Merlin Press, 1978.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.

GOHN, Maria da Glória . Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs. **Revista Meta: Avaliação**, v. 5, n. 14, p. 238-253, 2013.

GROPPO, Luís Antonio; SILVEIRA, Isabella Batista. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argumentum**, v. 12, n. 1, p. 7-21, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & realidade**, v. 28, n. 2, 2003.

MACÁRIO, Epitácio. Padrão neoliberal de acumulação, ideologia e mercantilização da educação superior. **Revista Linhas**, v. 22, n. 49, p. 14-49, 2021.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

MARRERA, Fernando Milani; SOUZA, Uirys Alves de. A tipologia da consciência histórica em Rüsen. **Revista Latino-Americana de História-UNISINOS**, v. 2, n. 6, p. 1069-1078, 2013.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011.

MENEZES, Cristiane Penning Pauli de; GREGORI, Isabel Christine de. Letramentos de reexistência e direito à cidade: o fim da estética da fachada e o início da contraconsciência estética a partir da inserção do pixo no espaço urbano. **Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, 2016.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. Tempos de Lukács e nossos tempos: socialismo e liberdade. **Revista Ensaio**, n. 13, p. 9-29, 1984.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

NICODEM, Maria Fatima Menegazzo. Senhores e escravos, neoliberalismo e educação. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, v. 4, n. 10, p. 77-96, 2014.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

PRADO, Kelvin Oliveira do. Pensamento decolonial e inclusão subalterna: a educação e o ensejo da transformação. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, p. 4-18, 2021.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Concepções de aprendizagem histórica presentes em propostas curriculares brasileiras. **História Revista**, v. 14, n. 1, p. 203-213, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica. **Educar em Revista**, p. 17-42, 2016.

SILVA, Renalvo Cavalcante; NOMERIANO, Aline Soares; GUIMARÃES, Vicente José Barreto. Ideologia, educação e emancipação humana: o desafio histórico de formar a classe trabalhadora. **VII Jornada Internacional Políticas públicas, In: Anais**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015.

SOUZA, Iael de. Pressupostos essenciais para uma práxis pedagógica anticapitalista/anticapital de caráter emancipador. **Revista Novos Rumos**, v. 57, n. 2, p. 75-102, 2020.

TIBURI, Márcia. Direito visual à cidade. **dobra**, p. 39, 2011.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2007.